Parte II: Resistência e legalidade

O território do tornar-se: pelas ruas e esquinas o intelectual baiano que se fez comunista

Rafael Fontes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FONTES, R. O território do tornar-se: pelas ruas e esquinas o intelectual baiano que se fez comunista. In: SENA JÚNIOR, C.Z., ed. *Capítulos de história dos comunistas no Brasil* [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 133-154. ISBN: 978-85-232-1873-7.
<https://doi.org/10.7476/9788523218737.0008>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

The background of the page is a grayscale photograph of a protest. A large, dark 'X' is superimposed over the image, dividing it into four quadrants. In the top-left quadrant, a banner reads 'CONTRA UM GOVERNO SALVADOR'. In the top-right quadrant, a banner reads 'BASTA PAGAR O TRABALHADOR'. In the bottom-right quadrant, a banner reads 'CRISE'. The bottom-left quadrant shows a person's hand raised in a fist.

PARTE II

RESISTÊNCIA E LEGALIDADE

O território do tornar-se: pelas ruas e esquinas o intelectual baiano se fez comunista

Rafael Fontes

No amplo território do Pelourinho, homens e mulheres ensinam e estudam. Universidade vasta e vária, se estende e ramifica no Tabuão, nas Portas do Carmo e em Santo Antonio Além-do-Carmo, na Baixa dos Sapateiros, nos mercados, no Marciel, na Lapinha, no Largo da Sé, no Tororó, na Barroquinha, nas Sete Portas e no Rio Vermelho. Em todas as partes onde homens e mulheres trabalham metais e as madeiras, utilizam ervas e raízes, misturam ritmos, passos e sangue; na mistura criam uma cor e um som, imagem nova, original.

Este mesmo território chamado por Jorge Amado de “território dos milagres” é também o território do tornar-se. Nele, não só viveu Pedro Archanjo, personagem central do livro *Tenda dos Milagres*, que teria sido um grande pensador baiano que passara toda a sua vida à margem dos “lugares” do saber na Bahia e, depois de sua morte, é aclamado como o grande intelectual, que um estudioso estadunidense vai à Bahia apresentar seus estudos sobre a vida e obra desse grande pensador. Parece-me evidente que a obra se remete às disputas entre o ser intelectual e o ser “intelectual baiano” vividas por Amado e seus companheiros no final da década de 1920, quando estes organizaram a Academia dos Rebeldes, uma iniciativa contra-hegemônica de intelectuais marginalizados pela Academia de

Letras da Bahia e pelo Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.¹ Nele, que pode ser resumido como todo o núcleo antigo da cidade de Salvador, encontravam-se pessoas de diversas origens e práticas sociais: comerciantes, professores, mendigos, prostitutas, médicos, estudantes, ricos, pobres. Todos circulavam pelo centro da cidade. Neste núcleo localizavam-se as faculdades e os principais colégios da cidade. Localizava-se também o Tabaré e a Confeitaria Triunfo, o Palácio do governo Rio Branco e os prostíbulos do Tabuão, da Misericórdia e de qualquer beco ou rua onde à noite houvesse a discrição necessária ao serviço. Em um só prédio desse território poder-se-ia encontrar um grupo muito diversificado de moradores – no térreo, uma loja; no primeiro andar, a casa do proprietário, no segundo uma república de estudantes ou quem sabe quartos de aluguer para moças e rapazes ou para um “turco” ou uma mãe de santo qualquer.² Este território era o lugar do encontrar. O lugar de encontro de classes e *habitus* muito diferentes, mas muito próximos geograficamente.

Portanto, neste texto trato de como os estudantes secundaristas e universitários tiveram nesse território experiências construtoras dos seus “Eus”, de suas identidades e de suas práticas. Dessa forma, para mim o território onde estes indivíduos foram formados deixa de ser o “pano de fundo”, o cenário, e passa a protagonista juntamente com os indivíduos no processo do tornar-se.

A RUA E OS INDIVÍDUOS

A cidade de Salvador, capital da Bahia, era na primeira metade do século XX, o que alguns autores chamam de “Rainha Destronada”.³ Ou seja, uma cidade que tinha uma sociedade – especialmente os setores mais ricos – que vivia, segundo esses autores, da lembrança de um tempo áureo que há muito já passara.

Esta cidade, muito diferente da atual Salvador, estendia-se do Barbalho, mais propriamente da ladeira de Água de Meninos à Barra, passando pelo Santo Antônio Além do Carmo, Carmo, Pelourinho, Sete Portas, rua

1 AMADO, J. *Tenda dos milagres*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978, p. 13. SOARES, A. B. C. *Academia dos Rebeldes: modernismo à moda baiana*. Feira de Santana: UEFS, 2005.

2 OLIVEIRA, N. F. de. *Rua Chile: caminho de sociabilidades, lugar de desejo, expressão de conflitos: 1900-1940*. 2008. 204 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

3 LEITE, R. C. N. *A rainha destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. São Paulo: PUC, 2005.

Chile, Nazareth, Aflitos, Campo Grande e Vitória. Além de toda a Cidade Baixa (Comércio, Bonfim, Ribeira e etc.) já marginalizada. A ligação entre essas “duas cidades” era feita pelas suas ladeiras: Água de Meninos, Tabuão, Misericórdia e da Montanha, pelos elevadores Lacerda e do Tabuão e planos inclinados do Pilar e do Gonçalves.

Os bondes cortavam quase todo esse território, ou melhor, passavam desse território, chegando à Amaralina, ao Cabula, à Penha e à Ribeira. De bonde se percorria quase toda a cidade, podia-se ir a qualquer parte do perímetro urbano de Salvador. Estes, muito bem articulados com os elevadores e os planos inclinados, deveriam permitir que a circulação pela cidade fosse ágil e, relativamente rápida – o que não necessariamente ocorria, devido à pequena e pouco adequada frota, com longos intervalos entre um e outro, fazendo-os superlotados e malcuidados.

Mas os bondes eram muito mais que meios rápidos de transporte de gente, eram mais um espaço de sociabilidade, espaço de encontros, espaço do tornar-se. Do encontro dos rapazes com as normalistas do Barbalho, das senhoras que já há muito frequentavam as ruas indo e vindo de compras ou mesmo de compromissos profissionais. Encontravam-se todos nos bondes: os padres, as prostitutas, os pretos, os brancos, os viajantes, os estudantes, as normalistas, as senhoras, jovens, crianças, gente honesta e nem tanto, políticos e militantes das correntes políticas possíveis de existir, conservadores, revolucionários, pessoas de variados humores, odores, seres, falares, vestires, gente de toda gente.

Alguns dos rapazes da *Seiva* – revista publicada na Bahia entre 1938 e 1943 por intelectuais comunista e anti-integralistas –, aqui estudados, chegaram a Salvador de trem. Fora as rotas marítimas que ligavam às cidades costeiras, como Ilhéus, o trem era a alternativa mais rápida de se chegar à Bahia. Além desta, ainda ia-se muito em tropas e nas marineletes – denominação à baiana para uma espécie de ônibus. Na capital, para os que viam de trem, descia-se na Estação da Calçada (Cidade Baixa). Da Calçada, o viajante pegava um bonde que o levava à cidade alta pela linha Mauá, unindo a Cidade Baixa à Alta pela praça Castro Alves. Outro lugar que antes de ser o local de encontro dos trios elétricos no carnaval, já era desde os anos 1900 a porta da Cidade Alta.

Na praça Castro Alves, a cidade se encontrava. Nela, encontravam-se várias linhas de bondes: a Mauá, a Pinto, a Souza, a Cesar, a que seguia pela rua Chile, a da Avenida Sete, a que seguia pela Barroquinha e a que vinha da Carlos Gomes, levando e trazendo gente de toda a parte. Nesta praça ficava, há anos o Teatro São João – recém-demolido na época aqui estudada, fazendo esquina com a rua Chile. Do outro lado da rua ficava a

redação do jornal *A Tarde* e o acesso à feirinha da entrada das Barroquinhas. Mais abaixo, o Tabáris, casa noturna frequentada pela sociedade mais abastada da cidade. Dos muitos endereços do jornal *O Imparcial*, todos se localizavam ou na rua Chile, ou na ladeira de São Bento (nas imediações da praça Castro Alves). O mesmo pode ser dito da *Revista Seiva* (1938-1943) e do jornal *O Momento* (1945-1957). Os cinemas ficavam vários pelas imediações dessa praça, a exemplo do Cinema Bahia, situado na rua Chile, n.º 1.⁴

A rua Chile, era o lugar do passar e do passear. Passavam pelas manhãs, trabalhadores indo a seus serviços e empregadas indo à feira para abastecer as casas de suas patroas. Estes topavam com bêbados e estudantes – e, estudantes bêbados – que seguiam a suas casas e repúblicas, cansados da noite que passaram, para os mais afortunados, na cama de uma senhorita que lhe serviu, gratuitamente ou não, ou, para os não tão sortudos, em um balcão de bar qualquer, cantarolando, chorando, ou “enchendo a cara”, pura e simplesmente. Passavam moças recatadas – ou nem tanto – indo aos colégios ou trabalhos. Estas se esbarravam com os rapazotes e moços das escolas e, em especial os jovens estudantes da Faculdade de Medicina, os quais deveriam arrancar delas suspiros desejosos e casadoiros, e deles, assovios e galanteios. Passavam senhoras acompanhadas de amigas ou criadas indo às compras na Casa Clark, Casa Atlas, na Pérola, na Princesa ou na Alfaiateria Thesoura, todas localizadas nos andares térreos de onde funcionavam, nos andares superiores os escritórios de jornais como o *Diário de Notícias* e *O Imparcial*, além de consultórios médicos e de outros serviços.⁵ Ou mesmo, a uma sessão de cinema no meio da tarde, ou tomar um café com amigas no Ponto Chique, na rua da Misericórdia, ou somente, olhar a rua e o seu movimento. Nas portas das lojas – e sendo esbarrados delas – e nas ruas escutavam-se ainda cantorias e chamados de quituteiras, vassoureiros e outros vendedores ambulantes.⁶

As classes médias e altas da sociedade soteropolitana há pouco tomara as ruas – refiro-me a esta, pois a classe baixa e trabalhadora há muito já fizera desse, seu lugar. Com a iluminação pública, o dia se prolongara, possibilitando assim que rapazes e moças ficassem até cada vez mais tarde nas ruas, preferencialmente até às 23 horas, pois este era o último horário

4 FONSECA, R. N. da S. “Fazendo Fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA, 2000. p. 90.

5 OLIVEIRA, 2008.

6 FERREIRA FILHO, A. H. Desafrikanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890-1937). *Afro-Ásia*, Salvador, n. 21-22, p. 239-256, 1998-1999.

dos bondes – voltamos a eles. Todas as linhas saíam do centro para os bairros mais distantes nesse horário, possibilitando que cada vez mais a noite fosse transformada num horário de sociabilidade.

Se em 1918, quando a Casa Edson publicou no *Diário de Notícias*, uma propaganda reforçando a permanência da população mais à noite em Salvador,⁷ a população baiana sofria com o mal estado dos serviços públicos, o mesmo continuava em 1934 – ano do Quebra-Bondes – apesar dos empenhos modernizantes de J. J. Seabra. Contudo, esta população não deixou de ocupar a noite da Soterópolis progressivamente. Com as reformas urbanísticas da década de 1920, o acesso à noite e aos espaços de lazer foram, aparentemente, mais democratizados.

Fernando Sant’Anna, morava em uma pensão na rua d’Ajuda e lembrou desse tempo e da dinâmica da cidade em sua entrevista a Risério:

Em início da década de 1930, a cidade não tinha nem 200 mil habitantes. Reduzia-se, praticamente, ao espaço que vai do Campo Grande à Rua Chile. Havia já a Barra, Barra Avenida, mas o movimento não era ali. Quando vim morar em Salvador, não existiam casas na Pituba. A Rua Chile era toda composta de Lojas. Era um lugar chique, onde as pessoas iam passear e se divertir. As ruas laterais da Igreja da Ajuda, aquelas redondezas, eram áreas de residências de pessoas importantes. Ali era o centro real da cidade. E era, também, o centro principal da vida estudantil, da vida intelectual. Ali ficava a Escola de Medicina, que era a nossa principal e mais frequentada instituição de nível superior. E existiam os cafés, onde os intelectuais se encontravam, se reuniam para conversar, discutir, bater papo, Jorge Amado e Édison Carneiro, por exemplo, apareciam sempre por ali. Havia uma certa tradição intelectual dos cafés da antiga Sé. Mas aí começaram a derrubar, a destruir tudo, inclusive a igreja, a própria Sé da Bahia [...] ⁸

Os cafés e sua importância para os intelectuais baianos também foram tratados por Jorge Amado em *O País do Carnaval*.⁹ Os cafés ocupam, no referido livro, um lugar onde os projetos surgiam, as ideias circulavam e o convencimento do outro era feito. Este era mais um lugar do tornar-se. Eram nas mesas dos cafés que os ideais eram transformados,

7 FONSECA, 2000, p. 38.

8 SANT’ANNA apud RISÉRIO, A. *Adorável comunista: história política, charme e confidências de Fernando Sant’Anna*. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2002. p. 54.

9 AMADO, J. *O país do carnaval*. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

amadurecidos e afinados. Foram nesses cafés que os intelectuais de Amado formaram seu jornal.

Aqui, a importância desses espaços é imensa. São nestes espaços – quase exclusivamente masculinos –, que as redes construtoras das identidades eram formadas. No livro *O País do Carnaval*, Paulo Ringer – personagem da trama é baiano da região cacauzeira que fora enviado por seu pai para a Europa para se tornar um bacharel em Direito, e que foi obrigado pela morte do mesmo a voltar ao Brasil. Jorge Amado ao descrever a chegada do personagem ao Brasil, acentua como característica de Paulo Ringer como homem “europeizado”, mas é no meio intelectual que ele encontrou uma nova sociabilidade e cria uma nova identidade com o seu país. É neste “meio” que ele recria uma leitura do que venha a ser o Brasil, sua “missão” e, especialmente, o papel dos intelectuais nesse “novo país”.

Parece-me que Jorge Amado, chega através de sua literatura a explicitar questões de sua época – e não poderia ser diferente. É inegável, e isso pode ser comprovado pela vasta bibliografia, que foi nos anos 1930 que os intelectuais brasileiros – e porque não dizer que as classes médias e altas – estavam preocupados com o “futuro” de sua nação e dos (des)caminhos que esta poderia seguir. Também me parece claro que os personagens de *O País do Carnaval* são baseados nos jovens que formaram, junto com escritor, a Academia dos Rebeldes no final dos anos 1920. Parece-me que este foi, talvez, uma primeira tentativa contra-hegemônica no campo intelectual baiano. Além de um primeiro passo para a construção de uma identidade intelectual baiana para além da “Heroína Hercúlea de Seios Tetânicos” e da “Athenas Brasileira”, uma identidade baiana atenta para a cultura afro-brasileira. Talvez seja um primeiro passo para a identidade afro-baiana consolidada nos anos 70 pela Empresa de Turismo da Bahia (Bahiatursa). Para mim, os intelectuais estudados aqui, são herdeiros destes rebeldes e de sua academia.

Mas, voltando à década de 1930, esta foi um momento ímpar para a circulação cultural da cidade. A popularização do cinema, iniciado desde os primeiros anos do século, e do rádio levou os rapazes por nós estudados a publicarem na *Revista Seiva*, uma coluna sobre cinema e rádio. Os cinemas desde os mais populares – localizados nas ruas laterais e nos bairros periféricos ou mesmo nos circos – aos mais chiques da Praça Castro Alves ou do Campo Grande, passavam a apresentar filmes com Carmem Miranda, desenhos da Disney com Zé Carioca¹⁰, além, claro, dos filmes de Hollywood. Nas críticas da Seiva ao cinema e ao rádio, parece-nos

10 FONSECA, 2000.

evidente que eles entendiam esses meios de comunicação como instrumentos políticos e constituidores da cultura. Assim como percebem a visão que esse cinema americano tinha do Brasil.

No rádio, ouvia-se a Rádio Nacional, popularizado por Getúlio Vargas. Nesta ouvia-se sambas, a “mais nova música nacional”, finalmente reconhecida. Ouvia-se João de Barro de Carlos Alberto Ferreira Braga, também conhecido como Braguinha, sem dúvida o maior expoente das marchinhas carnavalescas produzidas no Rio de Janeiro e “exportada” para todo o resto do país pelo rádio. Suas marchinhas, até hoje lembradas, falavam de um Brasil festivo, de um país em eterno carnaval. Dentre suas músicas incluem-se a famosa “Yes, nós temos bananas” (1938), “Uma andorinha não faz verão” (1931), “Balancê” (1937), “Touradas de Madri” (1938) e “Cantores do rádio” (de 1936 que recebeu versão feminina pelas vozes de Aurora e Carmen Miranda) entre tantas que fazem parte do acervo musical-afetivo dos brasileiros do século XX.

Todo esse clima “carnavalesco” era reforçado pelo Teatro de Revista. Na Bahia, sua principal casa era o Tabaris. Esta casa, próxima a rua Chile, era a mais elegante entre todas as outras casas noturnas, da forçosamente elegante cidade da Bahia. Lá, entre doses e jogos eram acertados negócios, debatidos temas sobre a política, eram articulados empregos, cargos e posições. Era o lugar ideal para um jovem que aspirava uma carreira promissora frequentar e firmar contatos. E foi lá que os intelectuais fizeram seu principal ponto de encontro. Neste lugar, Fernando Sant’Anna e outro dos rapazes desta pesquisa firmaram amizade.¹¹ Dessa maneira, pelo lúdico, os laços de afetividade e de identidade eram reforçados. Muitos pensaram que numa organização política estes são pouco importantes ou, até mesmo, desnecessários. Mas, numa organização pequena, como era o PCB na Bahia da época, estes laços faziam com que o grupo se estreitasse e fortalecesse. Amigos e camaradas se confundiam, o político e o afetivo se associavam.

Pelo rádio, ouvia-se também, nas madrugadas o sinal da Rádio Moscou. Esta tinha um programa em língua portuguesa, locutado pela brasileira Laura Brandão. Como lembra Falcão:

Para os comunistas, a Rádio de Moscou era a voz da verdade, a informação correta e indiscutível, que contrastava com as notícias veiculadas pelas agências telegráficas a serviço do imperialismo. Ao encerrar o programa, após o hino da Internacional Comunista,

11 SANT’ANNA apud RISÉRIO, 2002, p. 59-61.

ela pronunciava as palavras mágicas e consagradoras do espírito revolucionário da época (inscritas no trecho final do Manifesto Comunista, de 1848, de autoria de Karl Max): ‘*Proletariado de todos os países, uni-vos!*’.¹²

A importância da Rádio de Moscou e de leituras marxistas no “tornar-se” comunistas dos sujeitos dessa pesquisa não pode ser minimizada. Estes eram basicamente os meios de divulgação marxista possíveis em um Estado de forte opressão anticomunista. O rádio era o maior instrumento de comunicação do país e era através dele que a população soteropolitana, em especial – os menos letrados e que não tinha acesso à imprensa escrita –, ficava sabendo dos acontecimentos políticos e culturais do país e do mundo. O governo Vargas soube fazer muito bom uso desse instrumento.

Por outro lado, a imprensa escrita ainda mantivera seu papel de “grande imprensa”. Na Bahia, esta se fortalecera desde o início da República e era o lugar onde a política era feita. Laís Ferreira estudou o campo jornalístico baiano e localiza como a “grande imprensa” portava-se nas questões cotidianas da cidade.¹³ Essa “grande imprensa” era basicamente pertencente às importantes famílias da Bahia, as quais eram também as detentoras do poder e do prestígio político. Dessa forma, era comum que o jornal tal, que fazia oposição a algum político, fosse retaliado ou mesmo empastelado quando o político ao qual fazia oposição estivera no poder. O jornal *O Imparcial*, por exemplo, um dos principais jornais da Bahia e de incontornável importância na formação intelectual dos jovens jornalistas dos anos 1930, sofreu, segundo Ferreira, três empastelamentos no período de 1933-1934.

Dessa forma, era nos jornais que as disputas ideológicas eram travadas. Essas disputas que chegavam à população onde o “confronto era inevitável [...] passando muitas vezes do terreno das ideias para o desforço pessoal, nas faculdades ou nas praças públicas”.¹⁴ Nesse fragmento o enfoque claro é das disputas entre o integralismo e o comunismo, o próprio jornal *O Imparcial*, que contratava jovens que tivessem ligações com o comunismo, passou por uma importante guinada chegando a ser entendido como um jornal integralista entre 1935-1937, e voltando ao campo anti-integralista em decorrência da II Guerra Mundial.¹⁵

12 FALCÃO, J. *O Partido comunista que eu conheci*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. p. 44-45.

13 FERREIRA, L. M. R. *O integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial*. 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

14 FALCÃO, op. cit., p. 29.

15 FERREIRA, op. cit.

A imprensa baiana se portou de forma variada frente ao integralismo. Por vezes, um jornal ou outro fazia propagandas da Alemanha e Itália, por vezes, denunciavam que os integralistas brasileiros queriam impor ao país um regime nos moldes do nazi-fascismo. Dessa maneira, devemos nos perguntar, qual a relação dos intelectuais com essa cidade, com sua dinâmica? Para chegar perto de uma resposta a essa questão, temos que visitar a produção historiográfica produzida sobre os intelectuais baianos. Mas antes, precisamos definir o que vem a ser o intelectual.

OS INTELLECTUAIS E OS BALÕES CAÍDOS

O que é um intelectual? Pergunta essa incontornável! A mesma se fez Graciliano Ramos¹⁶ quando preso-político no Rio de Janeiro em decorrência de seu envolvimento com comunistas durante o governo Getúlio Vargas (1930-1945). O lugar do intelectual, essa é a questão de Graciliano Ramos, o escritor tinha clareza que não era operário e que a sua relação de classe também não o deixava entre os burgueses. Qual seria então o seu lugar? Ou será que são mesmo os intelectuais alheios às classes?

Karl Mannheim¹⁷ definiu os intelectuais como relativamente livre-flutuantes ou, como “grupo intelectual relativamente descomprometido”.¹⁸ Para ele, os intelectuais não formam uma classe, uma vez que não há coesão em seus interesses. “Um funcionário do governo, um agitador político ou escritor insatisfeito do tipo radical, um sacerdote e um engenheiro possuem poucos interesses palpáveis em comum”,¹⁹ ficam “subordinados” aos interesses das classes sociais, como o proletariado estudado por ele no texto citado. Dessa forma, poder-se-ia compreender os intelectuais como uma categoria que não chega a ser uma classe social distinta, com interesses próprios.

Michael Löwy comparou o intelectual definido por Mannheim aos balões juninos. Conforme podemos observar no trecho abaixo:

A flutuação dos intelectuais, como aquela dos balões de ar quente na noite de São João, é um estado provisório: eles terminam, geralmente, cedendo à lei da gravidade, sendo atraídos por uma das grandes

16 PALAMARTCHUK, A. P. Ser intelectual comunista: escritores brasileiros e o **comunismo**, 1920-1945. 1997. 367 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

17 MANNHEIM, K. Ideologia e utopia. Rio de Janeiro: J Zahar, 1976.

18 Ibid., p. 106.

19 Ibid., p. 104.

classes sociais em luta (burguesia, proletariado, campesinato) ou então pela classe que lhes é mais próxima: a pequena burguesia.²⁰

Mannheim está certo ao definir os intelectuais como uma categoria social entre as classes, contudo, uma vez atraídos por uma das classes sociais, estes aderem a sua visão de mundo, mesmo que mantenham os *habitus* de suas classes de origem ou da classe média que lhe é mais próxima e agregam a estes novos hábitos, costumes, formas de pensar e fazer de tal maneira que o *habitus* desse indivíduo, não o seja mais o mesmo, apesar de, aparentemente, mantê-lo. Chegamos aqui num cruzamento muito interessante. Ao analisar os processos de distanciamento do capitalismo e sua radical negação, Löwy o localiza no seio da *Intelligentsia*. Esta definição, parece-me próxima a de campo intelectual, utilizada por Pierre Bourdieu. Contudo as aproximações vão além da semelhança de *Intelligentsia* e campo intelectual. Há intelectuais dos mais diferentes tipos, há aqueles que vivem da produção de bens simbólicos (acadêmicos, escritores, jornalistas, publicitários, professores e etc.), estes são os intelectuais inseridos no que Bourdieu chamou de Campo Intelectual, são os que mais facilmente podemos identificar enquanto intelectuais. Em especial, devido ao seu distanciamento de outra forma de trabalho (o braçal), ou seja, pelo seu afastamento da produção de mercadorias, de bens de consumo não-simbólicos. São estes os intelectuais analisados por Löwy e dos quais trataremos neste texto.

Estes intelectuais formam uma categoria social a qual se define pelo seu papel na construção de bens simbólicos. Eles compõem um campo, com regras, competições regidas de forma que só seus membros possam participar e concorrerem ao prêmio. Bourdieu identifica este campo como parte de um campo maior, o do poder. Ou seja, ao produzir bens simbólicos estes intelectuais acabam por construir instrumentos de dominação (simbólica) que são apropriadas nas lutas sociais. O mesmo faz Löwy ao identificar a “afinidade” entre estes intelectuais e a pequena-burguesia. Essa aproximação é devido ao seu distanciamento da classe trabalhadora e da dicotomia entre trabalho intelectual e manual. De forma que os intelectuais

[...] constituem o setor ‘criador’ de uma massa de ‘trabalhadores intelectuais’ (por oposição aos trabalhadores manuais) que inclui as profissões liberais, os empregados, os técnicos etc. São também o setor desta massa mais distantes da produção econômica.²¹

20 LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*: a evolução política de Lukács, 1909-1929. São Paulo: LECH, 1979. p. 2.

21 LÖWY, 1979, p. 1.

Para Bourdieu, assim como para Löwy, há um movimento de distanciamento do intelectual de sua classe de origem – quando estes veem de outra que não a pequena-burguesia –, uma vez que este sofre uma atração (Löwy a chamará de “Afinidade Eletiva”) pela pequena-burguesia. Para os dois, o intelectual, mesmo sofrendo um movimento de proletarização fruto da inserção do trabalho intelectual na lógica capitalista (substituição do valor qualitativo pelo quantitativo), está afastado da produção de mercadorias, estando o produto de seu trabalho regido por concepções de valores diferentes dos de mercadorias: o produto do trabalho intelectual é medido pelo seu valor qualitativo (belo/feio, bom/ruim, inteligente ou não), enquanto as mercadorias são medidas pelo seu valor de troca. O importante nesta percepção do lugar do intelectual frente à produção é que, tanto para Bourdieu quanto para Löwy, o intelectual tem uma localização na luta de classes ou radicalizando-se e vinculando-se à luta de classe mesmo que aparentemente mantenha-se distanciado da mesma. Esse distanciamento faz com que, mesmo este intelectual tendo sua origem de classe entre os trabalhadores, uma vez inserido no campo se afaste de sua classe paulatinamente chegando ao ponto de não mais se reconhecer como parte dela, nem ela como seu membro. Há alguns motivos para este distanciamento, melhor estudados por Bourdieu em *Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe*.²²

Contudo, as duas percepções sobre intelectuais tratam daquele imerso ao campo tal como Bourdieu ou à *Intelligentsia* como Löwy. Não tratam de intelectuais que mantém outra relação com as classes, ou daqueles que não estão no campo intelectual, que não estão em busca do “prêmio” – pelo menos não o mesmo prêmio do campo – e que produzem bens morais para as suas classes, como os intelectuais estudados por Gramsci. Para ele:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função.²³

Nesta análise, deve-se entender que o intelectual e suas escolhas sofrem de uma “autonomia relativa”. Ou seja, suas escolhas, por mais pessoais e autônomas que possam parecer não o são. Elas são demarcadas pela

22 BOURDIEU, P. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: BOURDIEU, P. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, [2007]. p. 183-201.

23 GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988. p. 3.

sociedade na qual esta escolha é feita, pelas sociabilidades construídas e construtoras do seu transformar, do transitar de um ponto a outro, do tornar-se. Ao mesmo tempo em que não se pode entender essa demarcação como algo rígido e alienante. O indivíduo, mesmo não sendo senhor absoluto de suas escolhas, as fazem baseados nos esquemas mentais e ideológicos que o formam e que são construções sociais (religião/religiosidade, influência pater/materna, educação, acesso a cultura) – que também não o isenta da responsabilidade.

Ou seja, o indivíduo é composto por uma miscelânea de reguladores sociais de forma que suas escolhas estão sujeitas às “mediações ético-culturais” de sua sociedade.²⁴ Se isso pode ser percebido a nível individual, também pode o ser enquanto categoria. De forma que a pseudoautonomia que a *Intelligentsia* tenha sobre a origem de classes de seus membros, não o é em decorrência exclusiva de sua vontade, mas de séries de esquemas, práticas objetivas ou não que o compõem. O importante é não pensarmos que ao “aderir” ao *habitus* o indivíduo se desveste do anterior para se vestir do outro. Isso será a negação da história.

Ao aderir *habitus*, o indivíduo adere também, inevitavelmente, a visões de mundo e identidades. Aproximando-o das esferas, setores do campo em disputa. Alguns setores desse campo tornam-se mais atraentes, magnéticos a esse indivíduo. A isso chamou Löwy de Afinidade Eletiva.²⁵

Portanto, são nas práticas mais corriqueiras e inconscientes, que parte de um *habitus* é demarcado e circunscrito por esquemas ético-culturais da sociedade da qual faz parte. O que, em absoluto, não significa a redução de todas as escolhas pseudoindividuais aos mecanismos econômicos e sociais. É colocá-los junto com os esquemas mentais e psicológicos, que também são formados e formadores de uma sociedade. Isso vem a contribuir com o retorno do interesse dos historiadores desde a década de 1980 pelos indivíduos, pela micro-história e nos fins do século passado e início deste pelo ressurgimento dos estudos biográficos. Mas, o mais interessante, é que em todos estes estudos o indivíduo não é – nem poderia ser descolado de sua sociedade, e esta, de uma noção de totalidade – por mais que às vezes isso venha a ser negado pelos autores. Eles sofrem atração pela pequena-burguesia e destes pelo sentimento nostálgico e romântico em relação à sociedade capitalista.

24 BOURDIEU, op. cit., p. 202.

25 LÖWY, 1979, p. 13.

Weber utilizou este conceito quando estudava a relação entre a burguesia e a Reforma Religiosa,²⁶ bem como Hobsbawm para entender como a Revolução de 1789 teve um impacto crucial no “campo intelectual”. A formação de uma concepção de rompimento com a ordem estabelecida e de radicalização do processo de transformação da sociedade levou os ideólogos a supervalorizar o seu caráter moral de liberdade, igualdade e fraternidade entre as classes.²⁷

Contudo, uma vez que a burguesia chegou ao poder político, esta passou a não mais cumprir as concepções que defendera, ou melhor, que a levaram ao poder. Isso teria criado um sentimento de frustração e orfandade na *Intelligentsia*. De forma que o jacobinismo de esquerda seria uma combinação específica de democracia plebeia e de moralismo romântico. E tende a entrar em conflito com a ideologia e a prática liberal individualista da grande burguesia.

Com o surgimento do marxismo e posteriormente a consolidação de uma revolução proletária na Rússia de 1917, ele passa a ser visto pelos intelectuais (os mais afetados no nível ideológico pelo sentimento de frustração) como o último resquício da moralidade e a única alternativa.

Para os intelectuais, o humanismo marxista torna-se, assim, o herdeiro das aquisições mais acabadas dos pensamentos burgueses e o movimento operário deve tornar-se o executor prático desta idéia [sic] defendida até o presente apenas em teoria.²⁸

Este movimento se intensifica justamente quando o capitalismo burguês mostra a sua cara mais aterrorizante até então, a Primeira Guerra Mundial iniciada em 1914. Dessa forma a esta Guerra causou uma grande movimentação de politização e de questionamento da sociedade burguesa. O que gerou movimentos de radicalização à esquerda em diversos lugares – principalmente na Europa Oriental, onde Lukács, estudado por Löwy, morava e fazia parte de grupos de intelectuais judeus.

Estes movimentos geraram, segundo Löwy, a negação das contradições entre a realidade do capitalismo e sua ideologia humanista, crítica à Guerra em seus princípios liberal-democrático e “descoberta do proletariado como o único portador dos princípios democráticos humanistas em face da barbárie burguesa generalizada”.

26 WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1983.

27 HOBBSBAWM, E. J. *Ecos da Marselhesa*: dois séculos revêem a Revolução Francesa. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

28 HOBBSBAWM, 1996, p. 7.

Em relação a esta última tendência, que é o objeto de estudo de Löwy, ele identifica algumas causas para esta aproximação. O caráter científico do marxismo, a sua proposta de análise da sociedade capitalista seria a primeira causa de atração de intelectuais ao comunismo. Ou seja, “a última teoria que explica e desvenda a verdadeira causa da retificação, da dominação sufocante de quantitativo, da despersonalização da vida, da degradação dos valores, da guerra, que não é outra senão o capitalismo”.²⁹ O marxismo apresenta/propõe a estes intelectuais uma nova ética cultural, uma nova moralidade – talvez, uma nova economia moral – a qual é mais próxima da pensada por estes intelectuais. Afora que esta moralidade marxista tem um objetivo: a abolição radical da hegemonia do valor de troca sobre a vida social. Ele é análogo assim a um “Messias”. Apresentando a esses intelectuais uma classe que tem a força social real (que lhe falta) para fazer as transformações, o proletariado.

Para muitos intelectuais radicalizados, a descoberta do proletariado como sujeito da História, como coveiro do capitalismo, na se faz senão graças marxismo, pela mediação do marxismo enquanto sistema teórico. A adesão política dos intelectuais ao proletariado ou a fixação de sua revolta a um estágio puramente ético-cultural depende, em certa medida, da existência de uma tradição marxista no seu país e da possibilidade de ter ou não acesso à literatura marxista.³⁰

Mais uma vez Löwy chama sua teoria ao campo do empírico, ao campo das experiências reais do fazer-se. Contudo, gostaria de propor uma leitura mais cuidadosa desta última frase. Há, outra forma de ser seduzido pelo marxismo, e esse é um movimento contrário ao que diz esta frase, é o movimento de negação.

É possível se tornar comunista, ou melhor, se fazer seduzível pelo comunismo uma vez que se tem um sentimento de repulsa, de negação com outras correntes de pensamento em disputa. O campo das ideias, o dos intelectuais é um “local” onde as lutas de classe também têm suas batalhas. A exemplo das disputadas pelos jovens aqui estudados que viveram na Bahia, talvez no Brasil, havia disputa no campo do simbólico entre o integralismo, o liberalismo e o comunismo. De forma que pôde haver, e de fato há indícios que nos levam a crer que de fato houve um movimento de negação, de não-reconhecimento por parte de jovens intelectuais ou

29 Ibid., p. 8.

30 HOBBSAWM, 1996, p. 8-9

fazendo-se intelectuais de primeiro o liberalismo em consequência do capitalismo e em seguida do integralismo por sua veia ultranacionalista e pró-fascista poderia ter levado alguns desses intelectuais a se aproximarem do marxismo e aderirem ao comunismo.

Löwy, nestas suas análises do tornar-se comunista, utiliza outro conceito: o de Romantismo. O conceito de romântico já muito usado quando se trata de um estilo literário muito típico dos séculos XVI e XVIII onde o ar bucólico e o sentimento de nostalgia, de desilusão com a sociedade contemporânea e supervalorização dos modos e hábitos de um passado imaculado, puro, ainda não desvirginado pela moralidade capitalista. Contudo, o romantismo tratado por Löwy não é esse. O romantismo tratado por ele é um romantismo que surge no século XIX e início do XX, que está intrinsecamente ligado a uma nostalgia, ao mesmo tempo em que sonha com o retorno do passado, pensa, também, no desenvolvimento para o futuro. É um romantismo que, ao criticar o capitalismo e propor a sua superação, o faz com um sentimento de ter nesse futuro a recuperação de uma moralidade – no sentido antropológico da palavra – abandonada e corrompida. Em outras palavras, é uma nostalgia que ao pensar no passado real ou idealizado, em projetar-se no futuro, sem perder neste futuro, o desenvolvimento técnico-científico do presente. Esse romantismo é para Löwy um “hermafroditismo ideológico”, ou seja, ao mesmo tempo em que se deseja o progresso, a modernidade, o deseja com os valores idealizados ou reais do passado.

O romantismo de alguns dos marxistas pode ser diferenciado dos demais por essa crença no futuro. Ou seja, numa transformação radial através da revolução, que dessa vez deverá ter a classe trabalhadora, o proletariado como a classe vitoriosa, deverá retomar/resgatar (reencarnar, quem sabe) do passado os valores naturais do homem, abandonados e corrompidos pela propriedade privada – em primeira análise – e pelo capitalismo, pela substituição dos valores humanos pelos econômicos; qualitativos por quantitativos. Ao mesmo tempo, que esta revolução não será algo retrógrado, muito pelo contrário. Será o avanço da sociedade rumo a um futuro mais humano, socialmente justo e igualitário. Esse retorno ideológico em futuro real dá a alguns a falsa impressão de que o marxismo pensa em uma história cíclica – o que lhe negaria a compreensão histórica de progresso.

Para estes românticos revolucionários esse avanço histórico a um progresso que traz consigo uma moralidade perdida, só é possível pela ruptura radical e irreconciliável com o capitalismo e a sociedade burguesa industrial. Ou seja, um futuro construído através de uma revolução. É, portanto uma recusa do progressismo linear, ingênuo, apologético, não histórico,

que considera a sociedade burguesa universalmente superior às formas sociais anteriores. Compreendendo o caráter contraditório do progresso, indiscutivelmente trazido pelo capitalismo e reconhecendo que a civilização industrial/capitalista representa, em certos aspectos, um recuo do ponto de vista humano em relação às comunidades do passado.

BAIANOS E INTELLECTUAIS

Foi na década de 1930 que os “intelectuais” brasileiros descobriram o Brasil e foram em busca da identidade nacional. Carlos Guilherme Mota localiza no livro *Ideologia e Cultura Brasileira (1933-1974)*³¹ essa década como a periodização inicial para esses estudos sobre a identidade nacional, com a formação das universidades. A produção historiográfica baiana por muito tempo ainda seria marcada pelo “estilo” historiográfico dos institutos – no caso baiano o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Contudo intelectuais baianos passavam, já nos anos 1930, a produzir influenciados por essa “redescoberta” do país, a exemplo de Édison Carneiro, e basicamente os demais intelectuais da Academia dos Rebeldes, que já propunham neste período uma outra história longe de uma historiografia dominante, produzida por indivíduos das elites oligárquicas. Porém, esta produção historiográfica demoraria muito para ser entendida e aceita em seu campo.

Na Bahia da década de 1930, a produção historiográfica ainda dominante era muito próxima dessa historiografia das elites – no caso baiano, não sei se oligárquica, mas com certeza – da valorização dos “feitos dos heróis da raça branca”. Esta produção foi muito bem estudada pelo historiador Paulo Santos Silva. Neste texto, fruto de seu trabalho de doutoramento, Silva analisa o campo historiográfico e intelectual baiano e seus envolvimento com os movimentos políticos, especialmente em oposição ao governo Vargas (1930-1945).³²

Neste trabalho, Silva dedica uma parte para a “Comunidade Intelectual Baiana”, onde trata de como se formavam os intelectuais baianos, localiza as instituições que os formavam e as que estes atuavam, além de identificá-los. Dessa forma, Paulo Santos Silva, recompõe o campo intelectual baiano ressaltando as “leis e regras (formas) de acesso”, o “capital

31 MOTA, C. G. S. *A idéia de revolução no Brasil e outras idéias*. Rio de Janeiro: Globo, 2008.

32 SILVA, P. S. *Âncoras de tradição: luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949)*. Salvador: EDUFBA, 2000.

simbólico” utilizado e o “prêmio”, apesar do autor não utilizar esse vocabulário. Sobre o ingresso no “campo intelectual baiano”, Silva escreve:

Com o ingresso no curso superior, abriam-se, ou ampliavam-se, as portas de acesso. *A primeira destas portas era a que dava acesso ao jornalismo.* Em seguida, vinha as nomeações e a carreira político-partidária. Antes mesmo de completar o processo de formação educacional já se tinha garantido um lugar relativamente satisfatório no seio das classes dirigentes locais.³³

Dessa forma, observamos como Paulo Santos Silva localiza no jornalismo uma, senão a principal, porta de acesso ao campo intelectual baiano. Sua análise sobre essa forma de ingresso vai além, ele aponta como se dava a “chegada à porta do jornalismo”. Ele descreve como os laços e favores pessoais eram importantes nesse processo. Desta forma a “iniciação ao jornalismo baseava-se em critério pessoais tais como amizade, simpatia, recomendações ou filiação política – critérios que estavam na base de todo o edifício da sociedade baiana de então”.³⁴

A importância do jornalismo para o campo intelectual baiano era que este o definia. Era o jornalismo que dava proeminência a este ou aquele intelectual num ou noutro partido político e eram esses laços de “amizade, simpatia, recomendações ou filiação política” que garantiam que estes intelectuais se sustentassem, uma vez que, como informa Silva, o trabalho enquanto jornalista a poucos permitia o sustento. Ter um artigo seu publicado em um jornal era então o atestado definitivo de intelectual. Ser colunista seria, então, a consagração. Mas, o sustento para este intelectual seria o magistério, a advocacia, a medicina ou mesmo a engenharia – os cursos universitários disponíveis na Bahia da época. Silva destaca o quanto ser professor, principalmente universitário, mas secundarista também, era uma importante estratégia de agregação de prestígio.

Contudo, continuando na caracterização feita por Paulo Santos Silva sobre os intelectuais baianos, chegamos num dos pontos principais, a oratória, tratada como a característica dos intelectuais, notorizada por Rui Barbosa. A oratória é a marca dessa intelectualidade. Vejamos, por exemplo, o que outro historiador, Rinaldo Leite (2005), identificou sobre a oratória dos baianos. Primeiro, a partir do exemplo de Wanderley de Pinho, importante historiador baiano dos anos 1930, que escreveu sobre a verve baiana:

33 SILVA, 2000, p. 81, grifo nosso.

34 Ibid., p. 85.

O orgulho de nossa prosápia *bahiense*, a vaidade dessa estirpe de heróis, de oradores, de estadistas, de homens de *sciencia*, de poetas, que dominaram da Bahia todo o *paiz* no passado e hoje *sahemdellas* para *triumphar* onde quer que acampem e exercitem as armas com que os sabe aperceber a Bahia; a memória dos feitos de que fomos *theatro* ou protagonistas; esse santo orgulho [...]. Outro orgulho não é, sem outro sentimento, o estímulo que nos revigora a nós do Instituto e que nos leva a todos a meditar, em *solemnidades* como esta, na grandeza do nosso valor e no valor de nossa grandeza, na magnitude do nosso passado e nas incertezas de nosso futuro. Esse orgulho é a alma da Bahia [...].³⁵

Sabemos das circunstâncias que foram escritas essas palavras, no momento de disputa política e ideológica dos “baianos” – leia-se, de sua classe dominante – frente ao sentimento de desvalorização e desprestígio de seus patrícios no contexto do regime iniciado em 1930, isto já foi bem trabalhado tanto por Leite³⁶ quanto por Silva.³⁷ O que nos interessa, especialmente neste trecho do *Historiador dos salões e das damas da Bahia*³⁸ é a sua caracterização. A quase naturalização do intelectual baiano como sendo, usando suas palavras, de uma “estirpe de heróis, de oradores, de estadistas, de homens de sciencia, de poetas, que dominaram da Bahia todo o paiz [sic] no passado e hoje sahemdellas para triumphar onde quer que acampem e exercitem as armas”.³⁹

Mas, será mesmo, esse o perfil do intelectual baiano? Será mesmo que a heróica Bahia, foi a “alma mater da civilização brasileira”?⁴⁰ Ou será, que foi (o que é inegável) apenas um sentimento vaidoso de protagonismo desses intelectuais baianos? Rinaldo Leite, ao tratar das representações desses intelectuais sobre a Bahia, foca-se na última questão. É inegável que o sentimento de orfandade e descaso estava presente nos intelectuais baianos durante o pós-1930. Assim como também é inegável que estes intelectuais eram envaidecidos por habitarem sua “Athenas Brasileira”, e de serem os “legítimos herdeiros” de intelectuais e estadistas de um passado, sentido como não tão distante. Contudo, o que podemos entender e

35 PINHO apud LEITE, 2005, grifo do autor.

36 Ibid.

37 SILVA, 2000.

38 PINHO, W. *Salões e damas no segundo reinado*. 5. ed. Salvador: Martins, 1959.

39 LEITE, op. cit.

40 Ibid., p. 97

escarafunchar, dessas representações estudadas por Leite? Será que por debaixo delas há este perfil do intelectual baiano? Vejamos.

Primeiro, é evidente, tanto em Leite como em Silva que há um sentimento de perda, mas perda do que? Do prestígio dos baianos junto ao governo central, incluindo entre eles, seus intelectuais. Mas, quem eram esses intelectuais baianos que gozavam de prestígio no pré-1930? Dilton Araújo⁴¹ analisou a formação do movimento republicano em Salvador e seus envolvimento com o nascimento de uma classe média. Nesta, ele aponta como o movimento republicano baiano foi frutífero entre os intelectuais e os membros de uma classe média nascedoura, os profissionais liberais, e como os intelectuais estavam, o que não é de se estranhar, entrelaçados à classe média.

Durante o século XIX e, sobretudo, na sua segunda metade, verificou-se um certo desenvolvimento de outras atividades, várias delas de natureza urbana, como indústria, transportes, bancos e seguradoras, dando dimensão a algumas ocupações novas e fortalecendo outras no cenário econômico e social da Província. Pensamos que essas atividades, somadas a um certo crescimento do número de profissionais liberais, como médicos, advogados, farmacêuticos, além de professores, religiosos, militares e ocupações vinculadas ao poder judiciário e ao funcionalismo público, estabeleceram aquilo que Mario Augusto Santos indicou como 'um esboço de classe média', que estaria aparecendo em Salvador e cidades do Recôncavo.⁴²

Das categorias elencadas por Araújo (industriais, empresários dos transportes, bancos e seguradoras, profissionais liberais: médicos, advogados, farmacêuticos, além de professores, religiosos, militares e de ocupações vinculadas ao poder judiciário e ao funcionalismo público), muitas se tornaram a classe dominante política e economicamente da Bahia. Na verdade, a classe dominante anterior à república, os grandes proprietários e a pequena nobreza baiana, já há muito tempo passava por um processo agudo de empobrecimento, fruto da queda de produção e rentabilidade da economia açucareira-exportadora iniciada desde as décadas de 1840-50, como bem aponta Antônio Sérgio Alfredo Guimarães⁴³, e que teve em 1888

41 ARAÚJO, D. *Republicanism and middle class in Salvador 1870-1889*. 1992. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

42 Ibid., p. 142-143.

43 GUIMARÃES, A. S. A. *A Formação e a crise de hegemonia burguesa na Bahia - 1930 a 1964*. 1982. 151 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universi-

com a abolição da escravatura seu derradeiro golpe – chega à República desprestigiada e descapitalizada, cabendo à classe média e emergente urbana de Salvador, assumir o status de dominante no novo regime. Neste processo, são os intelectuais baianos, diga-se de passagem, os poucos intelectuais baianos que conseguiram proeminência fora da província/estado, que passam a assumir funções e cargos. Nesse contexto a figura de Rui Barbosa, tornou-se a imagem e o orgulho do intelectual baiano. Como escreveu Paulo Santos Silva:

Havia ainda outros meios de manifestação da vida intelectual tão relevante quanto a imprensa e a sala de aula: as conferências, os discursos e os recitais. Não é por acaso que a Bahia adquiriu renome pelos seus oradores. [...] até mesmo artigos de jornais pareciam escritos para serem lidos em voz alta. Esta cultura da oratória teve representantes de peso na vida política e cultural baiana. Rui Barbosa, J. J. Seabra, Otávio Mangabeira, João Mangabeira, Carlos Chiacchio, Padre Cabral são alguns dos seus representantes mais proeminentes [...] É interessante notar que os oradores mais expressivos do contexto deixaram pouca coisa impressa em formato de livro. [...] Mesmo intelectuais mais voltados para reflexões demoradas sobre questões sócio-políticas investiam na oratória. É o caso de Nestor Duarte, jovem deputado da geração de 1930 que causava sensação nas galerias da Assembléia Legislativa Estadual pela sua *performance* de orador.⁴⁴

Sobre a oratória ou a retórica de Rui Barbosa enquanto imagem do intelectual baiano, Jorge Amado escreve em *O País do Carnaval* uma fala onde Paulo Rigger participa de uma conversa com José Augusto da Silva Reis, diplomata baiano e vaidoso com sua baianidade:

[...] – Mas eu acho que a natureza faz um enorme mal ao Brasil. O homem daqui parece preguiçoso, indolente... Isso deve ser a natureza... Tão majestosa, faz mal, Vence, esmaga. [Disse Rigger]

– É. Pode ser... Mas nós temos grandes homens, doutor. Rui Barbosa...

Paulo Rigger já lera Rui Barbosa. Não lhe agradara... Horrivelmente retórico... Não compreendia como se adorava aquele homem... E,

dade Federal da Bahia, Salvador, 1982.

44 SILVA, 2000, p. 88-89, grifo do autor.

demais, não tinha idéia... Era de um patriotismo lorpa... E estafante. Não, ele não ia com o tal Rui Barbosa.

O diplomata, José Augusto da Silva Reis, scandalizou-se. Rui é genial... genial... genialíssimo... Em França mesmo adoravam-no.

– Em França? Pode ser...

– E Direito? O Rui sabia o Direito como pouca gente. E a figura que fizera em Haia?

Não é preciso talento para se saber Direito. Basta memória [...] ⁴⁵

Este trecho do livro escrito por Jorge Amado é fundamental para caracterizarmos os intelectuais baianos. Por ora, terminaremos com um trecho que parece contrapor-se a figura do intelectual construída por eles mesmos e por boa parte de seus estudiosos. Escreveu Amado:

Porque na Bahia, boa cidade de Todos os Santos e em particular do Senhor do Bonfim, todo mundo é intelectual. O bacharel é por força [sic] escritor, o médico que escreve um trabalho sobre a sífilis passa a ser chamado de poeta e os juizes dão valiosas opiniões literárias, das quais ninguém tem coragem de discordar.⁴⁶

Contudo, a oratória dos intelectuais baianos não se restringia aos espaços oficiais, às salas de aula, aos salões do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, nem da Academia de Letras e da Assembleia, ela fazia parte do cotidiano do ser intelectual baiano. Podemos dizer até que a Bahia da década de 1930 foi uma república de bacharéis. Isso em grande medida pelas disputas entre autonomistas e juracisistas. Foi com esse espírito que os jovens da *Revista Seiva* montaram uma revista que tinha como objetivo, ser a voz dos intelectuais frente à sociedade baiana, e nesse caso é importante localizar estes intelectuais num campo de disputa entre o lado hegemônico e o contra-hegemônico, às disputas entre o capitalismo e o marxismo e contra o lugar dos intelectuais na guerra mundial em curso.

Os intelectuais baianos próximos ao comunismo, a exemplo do grupo que formou a *Revista Seiva*, fez desse mais que um instrumento de divulgação ou militância artística, fez dessa revista e de sua atuação enquanto intelectuais uma trincheira de luta contra o setor dominante do campo

⁴⁵ AMADO, 1978, p. 24.

⁴⁶ Ibid., p. 31.

intelectual baiano e contra o integralismo. Se até a década de 1930 as revistas de intelectuais eram apenas revistas literárias, onde jovens intelectuais preocupados na modernização do estilo literário publicavam seus versos e resenhas, a *Revista Seiva* trazia mais. Nela, encontramos críticas literárias e resenhas, encontramos também, comentários políticos e econômicos, notícias sobre a guerra, posicionamentos políticos e sociais. Podemos vê-la, portanto, como uma nova categoria de revista literária, uma categoria de revista sociológica. Uma revista que era uma verdadeira trincheira contra o modelo de intelectual baiano, caracterizado pela figura lendária de Ruy Barbosa, bem como se tornou uma importante arma contra o integralismo no campo intelectual.